

Silenciosa na estrada,
Seu exemplo nos ensina
A refletir sobre a Terra
Na Providencia Divina.

Se a poda foi rude e forte
Ao rigor do braço humano,
Sua resposta mais bela
E' mais frutos no outro ano.

Se tomba desamparada
Ao pulso do lenhador,
Faz-lhe a casa, dá-lhe a mesa,
Aquece-o com mais amor.

Dá sombra a todos que passam,
Sem jamais saber a quem,
Colocada no caminho,
Seu programa é sempre o bem.

*

E' santa irmã de Jesus
Essa árvore extremecida:
Se vive, palpita em Deus,
Se morre, transmite a vida.

A FACA

A faca inegavelmente
Embora não acerada,
Oferece algum perigo
A' pessoa descuidada.

Entretanto, muitas vezes,
No serviço rude e forte,
Não se pode prescindir
Do concurso do seu corte.

Pleno campo. Plantações.
Verdura a perder de vista.
A faca auxilia sempre
No trabalho ruralista.

Nas fábricas operosas,
Onde a prudencia a conserva,
Está pronta e decidida,
No serviço ou na reserva.

No esfôrço de cooperar,
Permanece dia inteiro
Atendendo eficazmente,
Ao lado do sapateiro.

Contribue nas selarias,
Onde o trabalho é uma escola,
Obedecendo ao seleiro,
Dando o bem, cortando a sola.

Em casa, está sempre firme
E é ótima companheira,
Respondendo a muito caso
Que concerne á cozinheira.

Depois de formar, atenta,
No preparo á refeição,
Segue, humilde, para a mesa
E ajuda a partir o pão.

Mas a faca que é tão util,
Tão valorosa e singela,
E' muito desagradavel
No pulmão ou na costela.

*
Forçoso é reconhecer
Que a faca vive a ensinar
Que cada cousa no mundo
Tem seu tempo e seu lugar.

A LAVADURA

Pelo bem da roupa limpa
Não se esqueça a criatura
Dos serviços que custou
O esforço da lavadura.

Raramente se recorda
Na tarefa rotineira,
O trabalho, o sacrificio
Do campo da lavadeira.

Porque em verdade, a tarefa
Inclue disciplina e dores,
Não se lava roupa suja
Usando perfume e flores.

Por limpar-se no caminho
Necessário á experienzia,
Não foge á imersão completa
Nas aguas da Providencia.

Não dispensa o gôsto amargo
Do concurso do sabão,
Alijando-se a bagagem
De sujidade ou carvão.